

**PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO NA  
REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE  
PED-RMPA  
INFORME MULHER E TRABALHO**

**EXPRESSIVA MELHORA DO MERCADO DE TRABALHO DA RMPA TEVE  
IMPACTO MENOS INTENSO SOBRE A FORÇA DE TRABALHO FEMININA  
EM 2007**

A inserção ocupacional feminina, embora mantendo desigualdades e limitações – maior exposição ao desemprego, expressa nas taxas de desemprego mais elevadas e no tempo despendido na procura por trabalho mais extenso; inserção majoritária em ocupações com menores possibilidades de carreira e com menor *status*; e rendimentos médios reais inferiores aos dos homens –, tem logrado avanços ao longo das últimas décadas. O desempenho do mercado de trabalho da RMPA não deixa de evidenciar essas mudanças.

No ano de 2007, o mercado de trabalho regional apresentou desempenho superior ao de 2006, recuperando movimentos mais vigorosos, observados nos anos de 2004 e 2005. A expansão da atividade econômica contribuiu para a melhora dos principais indicadores: o nível ocupacional apresentou importante elevação e a taxa de desemprego total reduziu-se, atingindo o menor nível desde o ano de 1995. O rendimento médio real dos ocupados, por sua vez, registrou comportamento positivo em 2007, com o maior incremento desde 1996.

Todavia esse desempenho positivo não impactou com similitude sobre o conjunto da força de trabalho: o nível ocupacional apresentou crescimento mais expressivo para os homens, ampliando a diferença desfavorável à força de trabalho feminina no contingente de ocupados; e a taxa de desemprego feminina recuou menos que a masculina, expandindo a proporção de mulheres no contingente de desempregados (57,1%).

Com relação aos rendimentos, no entanto, constatou-se que o aumento observado foi bem mais intenso para as mulheres do que para os homens. Com isso, o diferencial de rendimentos, que se havia expandido nos dois anos anteriores, tornou a diminuir, e as mulheres auferiram, em 2007, rendimentos médios que correspondiam a 74,4% do rendimento masculino, patamar similar ao constatado no ano de 2005.

Em função de novos valores que se cristalizam na evolução da forma organizacional da sociedade, inclusive no mercado de trabalho, identificam-se novos arranjos nas estruturas de composição familiar. Nesse sentido, merece destaque a tendência de aumento dos domicílios chefiados por mulheres. Em 2007, o percentual de domicílios chefiados por mulheres atingiu 31,1% do total de domicílios da RMPA – em 2006, essa proporção era de 30,4% e, no início da série (1993), era de 21,6%.

### Taxa de participação feminina manteve-se estável

1. A População em Idade Ativa (PIA) – indivíduos de 10 anos ou mais – registrou crescimento de 2,0% em 2007, enquanto a População Economicamente Ativa (PEA) – que corresponde à parcela da PIA que se encontra ocupada ou desempregada – evidenciou crescimento de 2,3% no mesmo período. Em função desses comportamentos, a taxa de participação apresentou relativa estabilidade, com pequena variação positiva, passando dos 56,8% verificados em 2006 para 56,9% em 2007. Essa manutenção do mesmo grau de engajamento da PIA nas atividades laborais reflete mais o comportamento da força de trabalho das mulheres, cuja taxa de participação ficou, de fato, estabilizada em 49,0% da PIA feminina, uma vez que, entre os homens, a taxa variou de 65,5% para 65,8% da PIA masculina (Tabela A).

Tabela A

Estimativas da População em Idade Ativa, da População Economicamente Ativa, dos ocupados, dos desempregados e taxas de participação e de desemprego, por sexo na RMPA – 2006-07

| DISCRIMINAÇÃO                  | (1.000 pessoas) |        |          |             |        |          |   |        |          |
|--------------------------------|-----------------|--------|----------|-------------|--------|----------|---|--------|----------|
|                                | 2006            |        |          | 2007        |        |          | Variações Absolutas<br>(em mil pessoas) |        |          |
|                                | Total           | Homens | Mulheres | Total       | Homens | Mulheres | Total                                   | Homens | Mulheres |
| População em Idade Ativa       | <b>3269</b>     | 1536   | 1733     | <b>3335</b> | 1557   | 1778     | <b>66</b>                               | 21     | 45       |
| População Economicamente Ativa | <b>1855</b>     | 1007   | 848      | <b>1898</b> | 1027   | 871      | <b>43</b>                               | 20     | 23       |
| Ocupados                       | <b>1590</b>     | 886    | 704      | <b>1653</b> | 922    | 731      | <b>63</b>                               | 36     | 27       |
| Desempregados                  | <b>265</b>      | 121    | 144      | <b>245</b>  | 105    | 140      | <b>-20</b>                              | -16    | -4       |
| Taxa de Participação (%)       | <b>56,8</b>     | 65,5   | 49,0     | <b>56,9</b> | 65,8   | 49,0     | -                                       | -      | -        |
| Taxa de Desemprego Total (%)   | <b>14,3</b>     | 12,0   | 16,9     | <b>12,9</b> | 10,2   | 16,0     | -                                       | -      | -        |

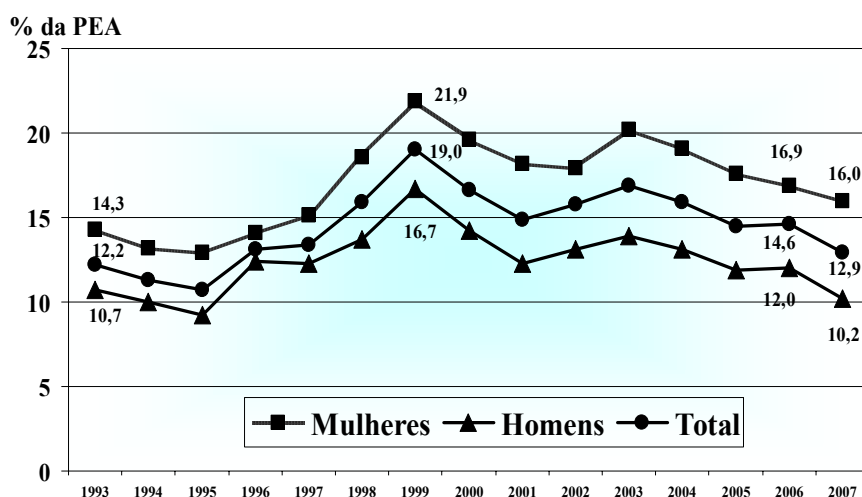
FONTE: PED-RMPA. Convênio: FEE,FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP e apoio PMPA.

## Redução do desemprego teve menor impacto na taxa feminina

2. A taxa de desemprego total apresentou queda em 2007, em relação ao ano anterior, passando aos atuais 12,9% da PEA, sendo a menor taxa desde 1995. Este comportamento da taxa de desemprego total deveu-se ao crescimento do nível ocupacional em 63 mil trabalhadores, superando a incorporação de 43 mil pessoas na PEA. O contingente de desempregados retraiu-se em 20 mil indivíduos, passando a corresponder a 245 mil pessoas.

Gráfico A

Taxa de Desemprego Total, por sexo, na RMPA – 1993-07



FONTE: PED-RMPA. Convênio: FEE,FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP e apoio PMPA.

3. Decompondo-se a taxa de desemprego por sexo, verifica-se que a taxa feminina sofreu uma retração muito inferior à masculina, quando se compara este ano a 2006. A taxa de desemprego das mulheres passou de 16,9% para 16,0%, enquanto a dos homens se retraiu de 12,0% para 10,2%, correspondendo a uma variação, no período 2006-07, de apenas -5,3% para o contingente feminino e de expressivos -15,0% para o masculino. Em termos de contingente, as desempregadas passaram a ser 140 mil, e os homens passaram a 105 mil desempregados.

4. Ao se analisar o desemprego por tipo, para o conjunto dos desempregados, observa-se que a taxa de desemprego oculto apresentou maior redução do que a taxa do

desemprego aberto, sendo que a primeira passou de 4,1%, em 2006, para os atuais 3,2%, e a última, de 10,2% para 9,7%, respectivamente. Na decomposição por sexo, a maior variação foi observada na taxa de desemprego oculto masculina, que passou de 3,8% para os atuais 3,0%, seguida da taxa de desemprego oculto feminina, de 4,3% para 3,5%. No que se refere ao desemprego aberto, a taxa feminina ficou praticamente inalterada, passando de 12,6% para 12,5%, enquanto a taxa masculina apresentou retração de 8,2% para 7,2% nesse período.

5. O tempo médio de procura por trabalho para o total dos indivíduos diminuiu em quatro semanas, na comparação de 2007 com o ano anterior, correspondendo ao menor tempo despendido pelos trabalhadores desde 1997. Analisando-se esse item segundo o sexo, constata-se, para o contingente masculino, uma redução de tempo maior (de 36 para 31 semanas) em relação ao verificado para o contingente feminino, em que esse tempo passou de 40 para 36 semanas.

### **Ocupação cresceu menos para as mulheres em 2007**

6. O nível ocupacional na Região Metropolitana de Porto Alegre, em 2007, apresentou crescimento pelo quinto ano consecutivo. O aumento de 4,0% no nível ocupacional neste ano, com a geração de 63 mil novas ocupações, foi a maior alta entre os últimos cinco anos de desempenho positivo e retoma o ritmo da trajetória favorável, arrefecida em 2006.

7. Esse comportamento mais intenso do crescimento ocupacional na Região repercutiu de forma diferenciada sobre o conjunto da força de trabalho e, diferentemente do ocorrido no ano anterior, privilegiou a força de trabalho masculina: em 2007, foram integrados 36 mil homens ao contingente de ocupados, frente a 27 mil mulheres. Com isso, a participação feminina no contingente de ocupados – um dos indicadores de desigualdade de inserção laboral – permaneceu relativamente estável neste último ano (44,2%); em 2006, situou-se em 44,3% (Tabela B).

Tabela B

Distribuição da População em Idade Ativa, da População Economicamente Ativa, dos ocupados, dos desempregados e dos inativos, por sexo, na RMPA - 1993-06

| ANOS | PIA    |       | PEA    |       | Ocupados |       | Desempregados |       | Inativos |       | (%) |
|------|--------|-------|--------|-------|----------|-------|---------------|-------|----------|-------|-----|
|      | Mulher | Homem | Mulher | Homem | Mulher   | Homem | Mulher        | Homem | Mulher   | Homem |     |
| 1993 | 52,3   | 47,7  | 40,9   | 59,1  | 39,9     | 60,1  | 48,3          | 51,7  | 67,5     | 32,5  |     |
| 1994 | 52,2   | 47,8  | 40,4   | 59,6  | 39,6     | 60,4  | 47,2          | 52,8  | 66,6     | 33,4  |     |
| 1995 | 52,4   | 47,6  | 41,4   | 58,6  | 40,4     | 59,6  | 49,7          | 50,3  | 66,1     | 33,9  |     |
| 1996 | 52,3   | 47,7  | 41,2   | 58,8  | 40,8     | 59,2  | 44,0          | 56,0  | 65,7     | 34,3  |     |
| 1997 | 52,8   | 47,2  | 41,4   | 58,6  | 40,6     | 59,4  | 46,7          | 53,3  | 66,2     | 33,8  |     |
| 1998 | 52,6   | 47,4  | 42,8   | 57,2  | 41,4     | 58,6  | 50,2          | 49,8  | 65,4     | 34,6  |     |
| 1999 | 52,6   | 47,4  | 44,2   | 55,8  | 42,6     | 57,4  | 50,9          | 49,1  | 64,3     | 35,7  |     |
| 2000 | 52,9   | 47,1  | 44,7   | 55,3  | 43,1     | 56,9  | 52,8          | 47,2  | 64,7     | 35,3  |     |
| 2001 | 52,5   | 47,5  | 44,5   | 55,5  | 42,8     | 57,2  | 54,1          | 45,9  | 64,0     | 36,0  |     |
| 2002 | 52,9   | 47,1  | 45,3   | 54,7  | 43,9     | 56,1  | 53,0          | 47,0  | 63,1     | 36,9  |     |
| 2003 | 53,0   | 47,0  | 45,0   | 55,0  | 43,1     | 56,9  | 54,2          | 45,8  | 64,0     | 36,0  |     |
| 2004 | 52,7   | 47,3  | 45,4   | 54,6  | 43,6     | 56,4  | 54,7          | 45,3  | 62,8     | 37,2  |     |
| 2005 | 52,8   | 47,2  | 45,3   | 54,7  | 43,7     | 56,3  | 54,9          | 45,1  | 62,8     | 37,2  |     |
| 2006 | 53,0   | 47,0  | 45,7   | 54,3  | 44,3     | 55,7  | 54,3          | 45,7  | 62,6     | 37,4  |     |
| 2007 | 53,3   | 46,7  | 45,9   | 54,1  | 44,2     | 55,8  | 57,2          | 42,8  | 63,1     | 36,9  |     |

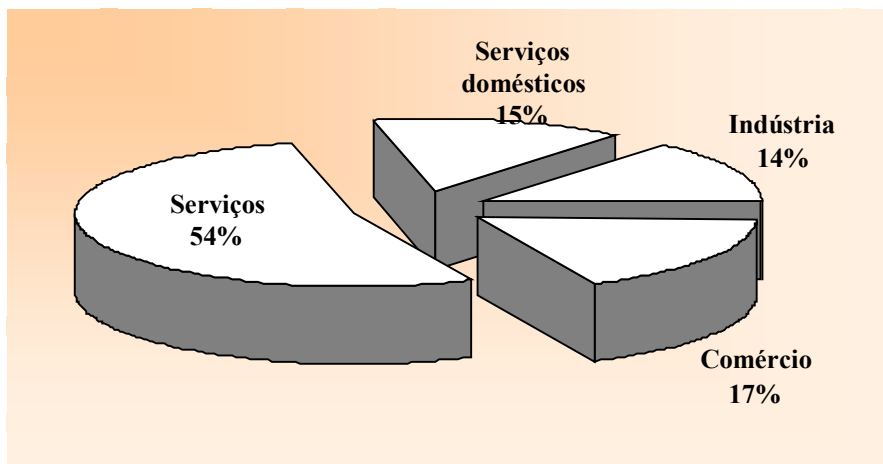
FONTE: PED-RMPA. Convênio: FEE,FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP e apoio PMPA.

8. O comportamento da ocupação segundo os diferentes setores da atividade econômica mostrou expansão em quase todos os setores, excetuando-se o de comércio, que, após quatro anos de incremento, apresentou pequena redução de 1 mil postos de trabalho. Esse movimento negativo do comércio atingiu unicamente a força de trabalho masculina, cujo contingente aí ocupado se reduziu em 2 mil trabalhadores; queda esta compensada, em parte, pelo aumento de 1 mil mulheres ocupadas no setor.

9. As elevações mais importantes para o contingente feminino, no entanto, ocorreram no setor serviços, que agregou mais 21 mil mulheres em 2007, e nos serviços domésticos (4 mil). Os setores indústria, construção civil e o agregado outros mantiveram inalterados seus contingentes de mulheres ocupadas. Ao cabo de tais resultados conjunturais, a estrutura ocupacional feminina por setores de atividade indica destaque para o setor de serviços, seguido mais de longe por comércio, serviços domésticos e indústria (Gráfico B).

Gráfico B

Distribuição da ocupação feminina, por setores de atividade, na RMPA - 2007



FONTE: PED-RMPA. Convênio: FEE,FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP e apoio PMPA.

**10.** Segundo a forma de inserção no mercado de trabalho, em 2007, o crescimento ocupacional foi liderado, a exemplo dos três anos anteriores, pelo emprego assalariado; contudo, diferentemente de anos anteriores, as outras inserções também experimentaram importantes aumentos neste último ano. Entre os assalariados, mesmo com uma forte expansão da ocupação no setor público, foi o setor privado que mais contribuiu para o aumento no número de postos de trabalho assalariados. Por sua vez, merece ser destacado o fato de a ocupação assalariada no setor privado ter sido alavancada pelo emprego com carteira de trabalho assinada.

**11.** Sob o enfoque de gênero, observa-se que a expansão na ocupação assalariada foi um pouco maior entre os homens (22 mil novos empregos assalariados) frente às mulheres (19 mil). Foi somente no assalariamento no setor público que a geração de postos de trabalho foi mais favorável para as mulheres, já que no setor privado, tanto entre aqueles com carteira assinada quanto entre os sem registro, o aumento no contingente de postos assalariados foi maior para os homens. Ademais, entre as mulheres, merece destaque a criação de 4 mil postos de trabalho no emprego doméstico.

**12.** Historicamente, as mulheres estão mais sujeitas a ocupações com inserções mais vulneráveis no mercado de trabalho, definidas como aquelas sem proteção e

direitos trabalhistas. Encontram-se nessa situação todos os assalariados sem carteira de trabalho assinada, empregados domésticos, autônomos que trabalham para o público e trabalhadores familiares. Em 2007, a parcela das mulheres com inserção vulnerável registrou pequena redução, contudo, manteve-se a forte desigualdade de inserção conforme o gênero considerado. Neste último ano, 34,5% das mulheres encontravam-se ocupadas em inserções consideradas vulneráveis, enquanto apenas 26,5% dos homens estavam na mesma condição. Sob outra perspectiva, verifica-se que a maior parte dos postos de trabalho considerados vulneráveis foram ocupados por mulheres neste último ano. Em síntese, os resultados deste último ano contribuem, mas não de forma significativa, para a reversão da histórica e desfavorável inserção feminina no mercado de trabalho, quando comparada com a masculina.

**13.** Ao se analisar a escolaridade dos ocupados por gênero, observa-se que os homens ocupados concentram-se nas faixas de menor escolaridade até aquelas de ensino médio incompleto. Já as mulheres ocupadas concentram-se nas faixas de escolaridade mais altas – de ensino médio completo e de superior completo. Diante disso, pode-se afirmar que as mulheres ocupadas têm escolaridade maior que os homens na mesma condição. Entretanto, isso não se reflete nem em termos de oportunidades de ingresso no mercado de trabalho (pois as taxas de desemprego são superiores para as mulheres) e, tampouco, em remuneração superior ou igual à do homem quando logra ingressar no mercado de trabalho. Isso posta desafios para além da educação para aqueles que almejam reduzir as desigualdades de gênero no mercado de trabalho.

**14.** Finalizando a análise da ocupação, cabe sublinhar que o tempo de permanência no trabalho atual, para as mulheres, é, historicamente, inferior ao dos homens, indicando maior rotatividade para a força de trabalho feminina. Em 2007, na RMPA, o aumento de dois meses no tempo de permanência média dos ocupados no posto de trabalho atual (de 72 para 74 meses) foi igualmente distribuída entre os gêneros, mantendo-se, assim, a desigualdade. As mulheres experimentaram um aumento de 67 para 69 meses no tempo de permanência, enquanto, para os homens, a expansão foi de 76 para 78 meses.

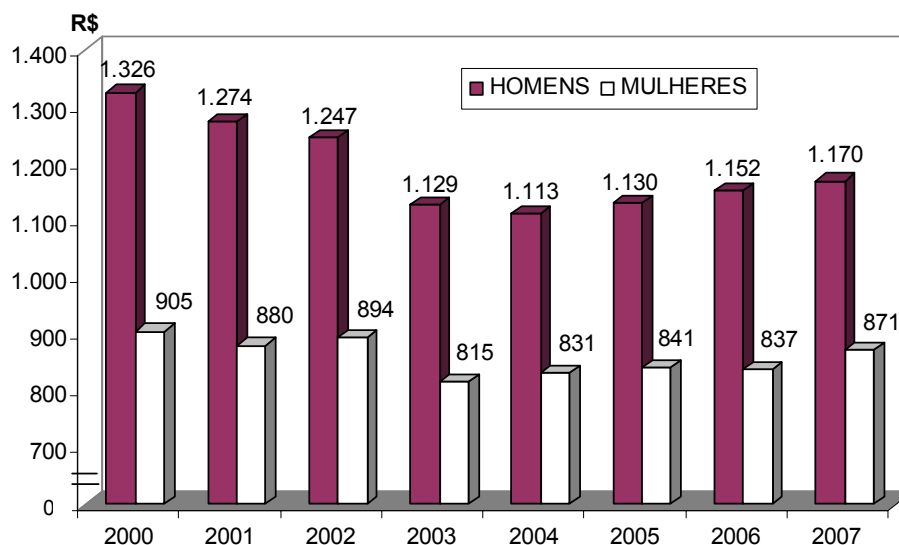
### Incremento expressivo do rendimento favoreceu mais as mulheres em 2007

15. O rendimento médio real do trabalho dos ocupados na RMPA, em 2007, registrou o maior incremento anual desde 1996, elevando-se em 2,5% em relação a 2006 e alcançando R\$ 1.036.

16. Na observação segundo sexo, constata-se que o crescimento do rendimento médio real foi mais intenso para as mulheres (4,1%) do que para os homens (1,6%), elevando-o para R\$ 871, ainda inferior ao auferido pela força de trabalho masculina ocupada, o qual ficou em R\$ 1.170 (Gráfico C).

Gráfico C

Rendimentos médios reais dos ocupados, no trabalho principal, por sexo, na RMPA – 2000-07

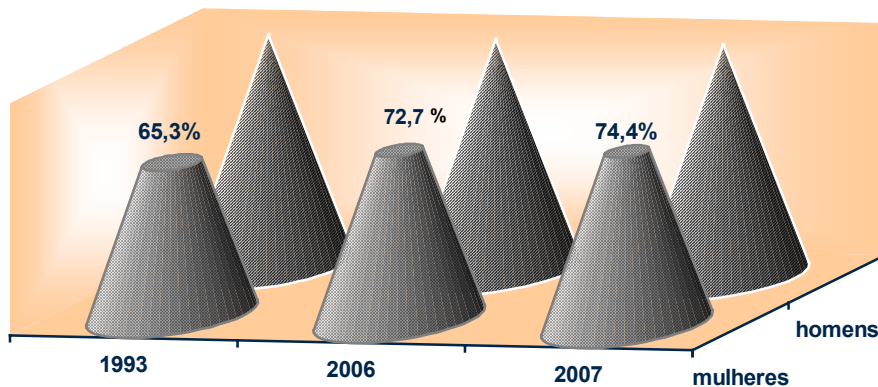


FONTE: PED-RMPA. Convênio: FEE,FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP e apoio PMPA.  
 NOTA: Inflator utilizado - IPC do IEPE. Valores em reais de dez./07.

17. Com esses resultados, o diferencial de rendimentos, que se havia expandido nos dois anos anteriores, tornou a diminuir, e as mulheres auferiram, em 2007, rendimentos médios que correspondiam a 74,4% do rendimento masculino, patamar similar ao constatado para o ano de 2005 (Gráfico D).

Gráfico D

Proporção do rendimento médio real auferido pelas mulheres em relação ao rendimento dos homens na RMPA – 1993, 2006 e 2007



FONTE: PED-RMPA. Convênio: FEE,FGTAS/SINE-RS, DIEESE, SEADE-SP e apoio PMPA.

18. Em que pese a jornada média das mulheres ser menor do que a dos homens, o diferencial de rendimento não é explicado por esse fato. Mesmo quando se anula o fator jornada de trabalho ao se utilizar o indicador “rendimento/hora”, os diferenciais se mantêm. Semelhante ao verificado para o rendimento médio, em 2007 ocorreu uma redução na desigualdade entre o rendimento/hora dos gêneros. O rendimento por hora feminino (R\$ 5,09) correspondeu a 83,7% do masculino (R\$ 6,07) – frente aos 81,7% verificados no ano anterior.

### Desigualdades no contingente feminino

19. Os processos discriminatórios que ainda estão presentes na inserção social das mulheres não incidem de forma homogênea sobre o contingente feminino. Diferenças de cor, idade, escolaridade, arranjos familiares e classes sociais, dentre outros, estabelecem desigualdades na inserção social das mulheres. Essas desigualdades estão presentes no mercado de trabalho. Ao se observar a inserção laboral por gênero e cor, verifica-se que as mulheres negras estão sujeitas a uma dupla discriminação – por gênero e por raça – e se encontram na posição mais vulnerável no mercado de trabalho.

20. As mulheres não-brancas detêm as taxas de desemprego mais elevadas (20,5%) frente aos demais segmentos presentes no mercado de trabalho. As mulheres brancas registram taxas mais elevadas (15,2%) que os homens não-brancos (14,4%) e bem superiores à taxa dos homens brancos (9,5%). Nesse sentido, ainda é possível afirmar que a discriminação de gênero supera a de raça.

21. No sentido inverso, quando logram obter um posto de trabalho, as mulheres negras auferem os rendimentos médios reais mais baixos comparativamente aos demais grupos. Em 2007, seus rendimentos médios foram de R\$ 596, enquanto os homens negros auferiram rendimentos de R\$ 824, as mulheres brancas de R\$ 910 e os homens brancos de R\$ 1.213.

---

### Convênio Regional

Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul  
Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser – FEE

Secretaria da Justiça e do Desenvolvimento Social do Estado do Rio Grande do Sul  
Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social – FGTAS/SINE-RS

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE

Prefeitura Municipal de Porto Alegre – PMPA

Apoio

Ministério do Trabalho e Emprego - MTE/ Fundo do Amparo ao Trabalhador – FAT